

O Melhor Amigo – crônica de Fernando Sabino

A mãe estava na sala, costurando. O menino abriu a porta da rua, meio ressabiado, arriscou um passo para dentro e mediu cautelosamente a distância. Como a mãe não se voltasse para vê-**lo**, deu uma corridinha em direção de seu quarto.

– Meu filho? – gritou **ela**.

– O que é – respondeu, com o ar mais natural que **lhe** foi possível.

– Que é que **você** está carregando aí?

Como podia ter visto alguma coisa, se nem levantara a cabeça? Sentindo-se perdido, tentou ainda ganhar tempo.

– Eu? Nada...

– Está sim. Você entrou carregando uma coisa.

Pronto: estava descoberto. Não adiantava negar – o jeito era procurar comovê-la. Veio caminhando desconsolado até a sala, mostrou à mãe o que estava carregando:

– Olha aí, mamãe: é um filhote...

Seus olhos súplices aguardavam a decisão.

– Um filhote? Onde é que você arranhou isso?

– Achei na rua. Tão bonitinho, não é, mamãe?

Sabia que não adiantava: ela já chamava o filhote de isso. Insistiu ainda:

– Deve estar com fome, olha só a carinha que ele faz.

– **Trate** de levar embora esse cachorro agora mesmo!

– Ah, mamãe... – já comendo uma cara de choro.

– Tem dez minutos para botar esse bicho na rua. Já disse que não quero animais aqui em casa. Tanta coisa para cuidar, Deus me livre de ainda inventar **uma amolação** dessas.

O menino tentou enxugar uma lágrima, não havia lágrima. Voltou para o quarto, emburrado.

A gente também não tem nenhum direito nesta casa – **pensava**. Um dia ainda faço um estrago louco. Meu único amigo, enxotado desta maneira!

– Que diabo também, nesta casa tudo é proibido! – gritou, lá do quarto, e ficou esperando a reação da mãe.

– Dez minutos – repetiu ela, com firmeza.

– Todo mundo tem cachorro, só **eu** que não tenho.

– **Você** não é todo mundo.

– Também, de hoje em diante eu não estudo mais, não vou mais ao colégio, não faço mais nada.

– **Veremos** – limitou-se a mãe, de novo distraída com a sua costura.

– A senhora é ruim mesmo, não tem coração!

– Sua alma, sua palma.

Conhecia bem a mãe, sabia que não haveria apelo: tinha dez minutos para brincar com seu novo amigo, e depois... ao fim de dez minutos, a voz da mãe, inexorável:

– Vamos, chega! Leva esse cachorro embora.

– Ah, mamãe, deixa! – choramingou ainda: – Meu melhor amigo, não tenho mais ninguém nesta vida.

– E eu? Que bobagem é **essa**, você não tem sua mãe?

– Mãe e cachorro não é a mesma coisa.

– Deixa de conversa: obedece sua mãe.

Ele saiu, e seus olhos prometiam vingança. A mãe chegou a se preocupar: meninos nessa idade, uma injustiça praticada e eles perdem a cabeça, um recalque, complexos, essa coisa.

– Pronto, mamãe!

E exibia-lhe uma nota de vinte e uma de dez: havia vendido seu melhor amigo por trinta dinheiros.

– Eu devia ter pedido cinquenta, tenho certeza que ele dava, murmurou pensativo.

In: <http://www.contioutra.com/o-melhor-amigo-cronica-de-fernando-sabino/>

1-Estamos diante do gênero textual:

a-() notícia, pois relata o que aconteceu com um menino, uma mãe e um cachorro;

b-() conto, pois conta uma história de ficção sobre um menino, uma mãe e um cachorro;

c-() crônica, pois narra um episódio do cotidiano que pode ocorrer na vida de qualquer criança e sua mãe, envolvendo o desejo do menino de cuidar de um cãozinho;

d-() artigo de opinião, pois demonstra a opinião negativa de uma mãe sobre a possibilidade de seu filho adquirir um cachorro;

2-Na **ironia**, o locutor diz A, mas pensa B, ou seja, pensa o contrário de A. Dito isso, o título "**O melhor amigo**" recebeu um tratamento irônico, pois:

a-() o menino tratou o cachorrinho do início ao fim da história como se fosse realmente seu melhor amigo;

b-() O menino ficou deprimido pelo abandono do seu melhor amigo;

c-() O menino vendeu seu chamado "melhor amigo" por trinta dinheiros;

3-A **intertextualidade** ocorre quando um dado texto-discurso se constrói baseado em outro texto-discurso preexistente. O final da crônica de Fernando Sabino possui **intertextualidade** explícita com uma passagem da Bíblia, quando esta relata:

a-() que Pedro negou conhecer seu amigo Jesus por três vezes, depois que este foi preso;

b-() que Judas vendeu seu amigo Jesus por trinta moedas;

c-() que Madalena lavou os pés do seu amigo Jesus;

4-Marque (V) para efeitos de sentidos pertinentes ao texto-discurso e (F) para efeitos de sentidos não pertinentes:

a-() Percebe-se o discurso do medo constituinte dos filhos, fazendo com que estes tentem esconder suas práticas afetivas de seus pais;

b-() Percebe-se o discurso do controle social que a instituição família exerce sobre suas crianças;

c-() Percebe-se o discurso de aceitação e compreensão dos filhos perante o controle social exercido por seus pais;

d-() Percebe-se o discurso da tentativa de chantagem emocional exercida pelos filhos sobre seus pais, no intuito de tentar conseguir seus objetivos

e-() Percebe-se o discurso da tendência de submissão das crianças perante o poder superior de seus pais;

f-() Percebe-se o discurso capitalista do vale-tudo para se obter lucros, inclusive comercializar os amigos;

5-Assinale o argumento que representa o discurso da **MENTIRA**:

a-() "– O que é – respondeu, com o ar mais natural que lhe foi possível."

b-() "– Eu? Nada..."

c-() "– Olha aí, mamãe: é um filhote..."

d-() "– Ah, mamãe... – já comendo uma cara de choro."

6-Assinale o argumento que representa o discurso da **CHANTAGEM EMOCIONAL**:

a-() "– Achei na rua. Tão bonitinho, não é, mamãe?"

b-() "– Mãe e cachorro não é a mesma coisa."

c-() "– Também, de hoje em diante eu não estudo mais, não vou mais ao colégio, não faço mais nada."

d-() "– Eu devia ter pedido cinquenta, tenho certeza que ele dava murmurou, pensativo."

7-Assinale o argumento que representa o discurso **INCONFORMISMO DOS FILHOS** perante as regras da família:

a-() "Mãe e cachorro não é a mesma coisa."

b-() "– Meu melhor amigo, não tenho mais ninguém nesta vida."

c-() "– Que diabo também, nesta casa tudo é proibido!"

d-() "– Achei na rua. Tão bonitinho, não é, mamãe?"

8-No argumento "*E exhibia-lhe uma nota de vinte e uma de dez: havia vendido seu melhor amigo por trinta dinheiros.*", destaca-se o discurso:

a-() da fidelidade aos amigos; b-() da traição aos amigos; c-() da sensibilidade aos amigos; d-() da solidariedade aos amigos

9-No argumento "*O menino abriu a porta da rua, meio **ressabiado**...*", a palavra grifada significa: a-() desconfiado; b-() emocionado; c-() confiante; d-() maravilhado

10-No argumento "*ao fim de dez minutos, a voz da mãe, **inexorável**...*", a palavra grifada significa: a-() flexível; b-() inflexível; c-() compreensiva; d-() pensativa

11-Extraia um discurso direto relativo à personagem "mãe".

12-Extraia um discurso direto relativo ao personagem "menino".

13-No enunciado "– Pronto, mamãe! E exhibia-**lhe** uma nota de vinte e uma de dez...", o pronome grifado refere-se:

a-() ao menino; b-() à mãe; c-() à nota; d-() ao cachorro

14-No argumento "– Um filhote? Onde é que você arranjou **isso**? – Achei na rua. Tão bonitinho, não é, mamãe? Sabia que não adiantava: ela já chamava o filhote de **isso**", as palavras grifadas sugerem:

a-() que a mãe nomeava o cão com carinho; b-() que a mãe nomeava o cão com desprezo; c-() que a mãe nomeava o cão com respeito; d-() que a mãe nomeava o cão com sensibilidade

15-A que ou a quem se referem as palavras grifadas no texto-discurso?

16-Produza um texto-discurso refletindo sobre a importância da adoção de animais.